

*A palavra é MOBILIZAÇÃO. E onde o mérito não for o referencial, não vale a pena estar; daquilo que o mérito não for a medida, não aproveita participar.*

Privatização, no ponto a que chegou o Brasil, é meio de desnacionalizar bens e vulnerar o país. Faça a conta do percentual de privatizações financiadas com dinheiro público e capacite-se de que uma de suas consequências é beneficiar empresas privadas em detrimento do desenvolvimento econômico e social que instituições governamentais se destinam a financiar, só devendo estar em seu campo de operações o que for do estrito interesse público. Aposente-se o pires na mão dos interesses privados e a franquia dos favores políticos e pessoais, nunca graciosos.

Há outras consequências. O Brasil, pela sua extensão territorial, pelas suas variadas formas de riqueza ainda existentes e pelo papel que pode econômica e politicamente desempenhar na América do Sul, é um entrave, de um lado, e oportunidade, de outro, para toda a sorte de interesses operantes basicamente a partir do hemisfério norte. Aposente-se o complexo de vira-latas de que falava Nelson Rodrigues e repudiem-se os esquisitões que trabalhem contra a nação e o país, perquirindo-se com insistência os mais precisos interesses de ambos. Uma boa ideia seria começar pelo que disse certa vez aquele grande homem já falecido: Não pergunte o que o seu país pode fazer por você, pergunte o que pode você fazer pelo seu país.

Pela desnacionalização, via privatização, interesses de grupos e acertos reservados chegam ao domínio econômico e ao poder político, que, como disse Carl Oglesby, é poder total. Com ele param-se e direcionam-se países conforme seja de momento política ou materialmente vantajoso, destituem-se presidentes não alinhados e sentam-se amigos em cadeiras presidenciais, oprimem-se e infelicitam-se nações de maneiras diversas, faz-se, enfim, tudo o que servir aos interesses dominantes, muito frequentemente externos, no caso do Brasil. O mesmo Oglesby apontou como, no início da década de 1890, estabeleceu-se alhures o princípio de atuar em outros países por meio de suas classes médias a fim de conseguir um lugar à mesa, depois, questão de tempo, conquistar por modos variados a fidelidade interesseira das primeiras e empurrar para fora da segunda aqueles que nela tinham assento, mantidos quando os seus interesses não constituíam obstáculos aos interesses dos novos conquistadores. Já é histórica a disposição de não permitir abaixo da segunda

fronteira norte, e para o sul, que qualquer país se desenvolva a ponto de representar ameaça econômica e política ao país *ao norte da segunda fronteira norte*. Teoria da Conspiração? Busque a História, inteire-se dos fatos como realmente constituídos e conclua por si mesmo. Quem não sabe História, não quer aprender ou não se dá conta dela pode ser facilmente enganado. Não se espera que os beneficiários das migalhas caídas da mesa senhorial deixem de ser inspirados pelos seus senhores, mas seria desejável que os primeiros guardassem um mínimo de decência.

Entendamo-nos, contudo; só fazem de você, devidamente amaciado por cantilenas e mantras por demais conhecidos, aquilo que você permite. E quando isso ocorre, as razões são diversas, inclusive falta de caráter. Sua família e o seu país, à medida e na ordem que você eleger ou estabelecer, são os motivos e destinatários naturais de tudo o que você fizer, de sua vida, das suas razões de agir. Os países protagonistas no cenário mundial desenvolvem suas políticas em rigorosa consonância com os seus interesses, não lhes importando minimamente os danos que elas possam provocar a outros países e nações. Não se há de questionar se estão ou não certos, é assim que a coisa funciona, que as engrenagens se movimentam; governantes e nacionais têm de agir da forma que melhor atenda aos interesses do seu país. Um país não tem amigos, tem interesses, não foi um chefe esquimó quem disse isso. E quem o disse sabia bastante bem o que estava dizendo. Devemos fazer o mesmo, observando essas práticas e absorvendo essas lições. Não temos de entrar na deles, só teremos a perder, como há muito estamos perdendo; façamos o que for melhor para o nosso país e para a nossa gente. É a melhor maneira de proteger as nossas famílias. Às vezes dá um bocado de trabalho e muito amiúde exige-nos sacrifícios, mas não seremos os primeiros nem os últimos a fazê-lo. Questão de dignidade pessoal projetando-se nacional e internacionalmente. E que os patriotas de todos os países, antagonizados, embora, circunstancialmente, se respeitem.

Até a próxima quinta-feira.

